

CENTRO UNIVERSITÁRIO BRASILEIRO - UNIBRA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM FARMÁCIA

JEYVSON RODRIGO SOUZA FERREIRA
JONATHAN DA SILVA GONÇALVES
LARYSSA CLIMACO DA SILVA

**A IMPORTÂNCIA DO PROFISSIONAL FARMACÊUTICO NA
ORIENTAÇÃO SOBRE OS RISCOS DA AUTOMEDICAÇÃO**

RECIFE/2024

**JEYVSON RODRIGO SOUZA FERREIRA
JONATHAN DA SILVA GONÇALVES
LARYSSA CLIMACO DA SILVA**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado à Disciplina TCC II do
Curso de Bacharelado em Farmácia do
Centro Universitário Brasileiro -
UNIBRA, como parte dos requisitos
para conclusão do curso.

Orientador(a): Dr. Luiz da Silva Maia
Neto

RECIFE
2024

JEYVSON RODRIGO SOUZA FERREIRA
JONATHAN DA SILVA GONÇALVES
LARYSSA CLIMACO DA SILVA

A IMPORTÂNCIA DO PROFISSIONAL FARMACÊUTICO NA ORIENTAÇÃO SOBRE OS RISCOS DA AUTOMEDICAÇÃO

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Disciplina TCC II do Curso de Farmácia do
Centro Universitário Brasileiro - UNIBRA, como parte dos requisitos para conclusão do curso.

Examinadores:

Orientador – Titulação

Examinador 1 – Titulação

Examinador 2 - Titulação

Nota: _____

Data: ____/____/____

RESUMO

A prática da automedicação, ou seja, o uso de medicamentos sem prescrição médica está se tornando um problema crescente em várias partes do mundo. Estudos realizados no Brasil apontam que diferentes grupos populacionais, como estudantes de saúde, pessoas com dor crônica, gestantes, pais de crianças e até mesmo profissionais de saúde, recorrem à automedicação com frequência. Estudantes de medicina, por exemplo, têm sido identificados como um grupo que faz uso frequente de medicamentos sem prescrição, com cerca de 96% admitindo recorrer a essa prática. Além disso, a falta de conhecimento sobre os riscos associados à automedicação pode levar a problemas de saúde ainda maiores. O mesmo se aplica a pessoas com dor crônica, gestantes e pais de crianças, que muitas vezes recorrem à automedicação por falta de opções de tratamento adequadas ou por desinformação. A automedicação também é frequente entre profissionais de saúde, o que é preocupante, pois eles podem comprometer sua própria saúde e influenciar negativamente os hábitos de automedicação de seus pacientes. Durante a pandemia de COVID-19, a prática da automedicação atingiu níveis alarmantes, com medicamentos como vitaminas e Ivermectina sendo amplamente consumidos sem orientação adequada. Para combater esse cenário, é essencial conscientizar a população sobre os riscos da automedicação e promover o uso responsável de medicamentos. O papel do farmacêutico é fundamental nesse processo, atuando como educador, consultor e monitor dos medicamentos utilizados. Além disso, a ampliação do acesso a informações de qualidade e aos serviços de saúde são medidas importantes para combater a automedicação e promover a saúde da população em geral.

Palavras-chaves: Automedicação, medicamentos, farmacêutico.

AB S T R A C T

The practice of self-medication, that is, the use of medications without a prescription, is becoming a growing problem in various parts of the world. Studies conducted in Brazil indicate that different population groups, such as health students, people with chronic pain, pregnant women, parents of children and even health professionals, frequently resort to self-medication. Medical students, for example, have been identified as a group that frequently uses medications without a prescription, with around 96% admitting to resorting to this practice. In addition, the lack of knowledge about the risks associated with self-medication can lead to even greater health problems. The same applies to people with chronic pain, pregnant women and parents of children, who often resort to self-medication due to a lack of adequate treatment options or due to misinformation. Self-medication is also common among health professionals, which is worrying, as they can compromise their own health and negatively influence the self-medication habits of their patients. During the COVID-19 pandemic, the practice of self-medication has reached alarming levels, with medications such as vitamins and Ivermectin being widely consumed without proper guidance. To combat this scenario, it is essential to raise awareness among the population about the risks of self-medication and promote the responsible use of medications. The role of the pharmacist is fundamental in this process, acting as an educator, consultant and monitor of the medications used. In addition, increasing access to quality information and health services are important measures to combat self-medication and promote the health of the population in general.

Keywords: Self-medication, medicines, pharmacist.

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 - Apresentação dos artigos incluídos na revisão integrativa	11
--	-----------

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AAS	Acido Acetil Salicílico
AINE's	Anti-inflamatório Não Esteroides
ANVISA	Agência Nacional de Vigilância Sanitária
DC	Dor Crônica
MIP's	Medicamentos Isentos de Prescrição
SUS	Sistema Único de Saúde

SUMÁRIO

1. Introdução.....	10
2. Materiais e métodos.....	10
3. Resultados e discussão.....	11
3.1 Tabelas.....	11
4. Conclusões.....	16
5. Referências.....	17

1. Introdução

O uso indiscriminado de medicamentos no Brasil tem aumentado consideravelmente devido a facilidade com os quais eles estão disponíveis para a população, e com isso o uso sem a orientação e/ou acompanhamento do médico, acaba ocasionando o uso irracional, podendo viabilizar efeitos adversos indesejados, diminuição da eficácia, dependência ao medicamento, ocultar sintomas e também aumentando o tráfego no sistema de saúde, seja ele público ou não¹.

Os Medicamentos Isentos de Prescrição (MIPs) são fármacos que, embora não exijam prescrição médica para sua venda, devem ser autorizados pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) e atendem a critérios específicos de eficácia e segurança. Esses medicamentos são bastante utilizados para tratamento de condições autolimitadas e são reconhecidos pela ausência de tarjas nas suas embalagens, diferente dos medicamentos que dependem de prescrição médica ou controle especial².

O ato de automedicar-se, em qualquer dosagem pode acarretar um risco na saúde de qualquer pessoa, por isso a solução mais correta é procurar uma orientação médica ou farmacêutica antes de adquirir o medicamento, pois desta forma terá um esclarecimento completo e assim conseguirá fazer o uso correto utilizando a dosagem indicada, seguindo o horário prescrito, e por fim, um prognóstico positivo em sua doença³.

O uso inadequado dos medicamentos acaba sendo o movimento de buscar alívio de sintomas que estejam, de certa maneira causando desconforto, e faz com que este indivíduo na automedicação, tenha facilidade de encontrar. Fatores distintos são os que induzem a este processo, desde uma padronização nas prescrições para alguns males, indicação por terceiros, até a não retenção de receita na dispensação por parte das drogarias⁴. Hoje, muitas drogarias possuem o consultório farmacêutico, afim de colaborar e esclarecer sobre o uso irracional dos medicamentos, e isso é benéfico para a população, pois sabendo que o sistema de saúde público, não proporciona a assistência que deveria dar aos pacientes, é também mais um motivo para as pessoas não seguirem as orientações e fazer o uso irregular³.

Outro fator que desencadeia um consumo irracional dos medicamentos, são as diversas propagandas nos canais de mídia, seja televisão, rádio e internet, onde promovem o consumo de medicamentos sem qualquer outra informação sobre reações adversas, incentiva a aquisição de medicamentos que por muitas vezes nem serão usados para sanar algum maléfico, mas para se ter em caso de algum sintoma parecido com o descrito na propaganda, onde a falta de informação por parte da população de certa maneira, acarreta na aquisição destes produtos⁵.

A importância do profissional farmacêutico na orientação sobre os riscos do uso indiscriminado do medicamento tem sido cada vez mais importante afim de compreender o porque do aumento no uso destas substâncias, verificando os tipos de medicamentos mais utilizados e tentando reduzir estes casos³.

Sendo assim, através desta revisão literária, buscamos informar sobre os riscos relacionados à automedicação.

2. Material e Métodos

Este trabalho trata-se de uma revisão integrativa da literatura, com a proposta de demonstrar a importância do Farmacêutico na orientação e informar os riscos relacionados à automedicação.

As fontes de pesquisa foram realizadas nas bases de dados SCIELO, GOOGLE ACADÊMICO, LILACS, MEDLINE e PUBMED, utilizando as palavras chaves: Atenção farmacêutica, automedicação e orientação farmacêutica.

Os critérios de inclusão foram artigos publicados no período de 2019 a 2024 relacionados com o tema,

sem restrições de idiomas.

Como critérios de exclusão foram considerados Artigos e documentos fora do período estabelecido, como também resumos, estudos de caso e pesquisas que não continham a orientação farmacêutica como solução no combate do uso irracional do medicamento.

3. Resultados e Discussão

O quadro a seguir apresenta os 15 artigos incluídos nesta revisão integrativa, destacando seus principais objetivos, métodos e achados. Cada estudo foca na automedicação em diferentes contextos populacionais e geográficos, fornecendo uma visão sobre essa prática e seus impactos. As informações resumem as evidências sobre prevalência, fatores associados e medicamentos mais utilizados, subsidiando a discussão sobre os riscos e as implicações da automedicação em várias populações.

Tabela 1. Apresentação dos artigos incluídos na revisão integrativa

AUTORE S/ANO	TÍTULO	OBJETIVO	MÉTODO	PRINCIPAIS ACHADOS
Tognoliet al ⁶	Automedicação entre acadêmicos de medicina de Fernandópolis-São Paulo	Investigar a automedicação por acadêmicos de curso de graduação em Medicina de instituição privada e analisar possíveis variáveis relacionadas	Estudo transversal	Estudantes de Medicina em Fernandópolis, SP, apresentaram uma alta prevalência de automedicação (96,56%), principalmente com analgésicos e anti-inflamatórios. Cefaleia e mialgia foram as condições mais tratadas.
Gama; Secoli ⁷	Práticas de automedicação em comunidades ribeirinhas na Amazônia brasileira	Analisar a prática de automedicação e os fatores associados na população ribeirinha da região do Médio Solimões - Amazonas	Estudo transversal de base populacional	Em uma população ribeirinha do Médio Solimões, AM, 76,3% dos participantes relataram automedicação devido à dificuldade de acesso a serviços de saúde.
Moreira et al ⁸	Uso de analgésicos e o risco da automedicação em amostra de população urbana: estudo transversal.	Definir o padrão de uso de analgésicos entre os portadores de dor crônica (DC) e a sua potencial associação à automedicação analgésica	Estudo observacional transversal	A prática de automedicação analgésica é frequente entre os portadores de dor crônica, o que pode ser consequência da pouca prescrição de analgésicos mais potentes, como os opioides
Moreira et al ⁹	Use of medicines by adults in primary care: Survey on health services in Minas Gerais, Brazil	Descrever e avaliar o perfil de utilização de medicamentos em uma amostra representativa de usuários adultos da atenção primária do Sistema Único de Saúde (SUS) de Minas Gerais.	Estudo transversal	Maior escolaridade e percepção negativa da saúde foram preditores do comportamento de automedicação, reforçando a importância do farmacêutico no aconselhamento sobre uso correto de medicamentos.
Príncipe et al ¹⁰	Automedicação nos estudantes do ensino superior da saúde.	Caracterizar a prática da automedicação nos estudantes do ensino superior da saúde	Estudo quantitativo e descritivo	A automedicação entre os estudantes do ensino superior é elevada, o que torna essencial abordar esta problemática ao longo do curso de forma a minimizar os riscos associados a este consumo
Queiroz et al ¹¹	Prevalência de automedicação e características de acesso a anti-inflamatórios em adultos no município de Navegantes, Santa Catarina.	Investigar a prevalência de automedicação de anti-inflamatórios e seu acesso na população adulta do município de Navegantes, Santa Catarina.	Estudo transversal descritivo e analítico de base populacional do tipo survey	Apesar dos inúmeros efeitos colaterais, a amostra estudada fez uso indiscriminado de anti-inflamatórios sem prescrição médica/odontológica.

	Catarina.			
Ukwishaka et al ¹²	Pediatric self-medication use in Rwanda—a crosssectional study	Determinar o uso relatado de automedicação em Ruanda e determinar atitudes e razões associadas às decisões dos pais de automedicação seus filhos	Estudo quantitativo transversal, multicêntrico	Em Ruanda, 77,9% dos cuidadores de crianças relataram automedicação, sendo o paracetamol o mais utilizado.
Bitencourt; Alves ¹³	Perfil de dispensação de anti-inflamatórios não esteroidais em uma farmácia no interior da Bahia	Analisar o perfil de dispensação de AINEs em uma farmácia no interior da Bahia, especificando quais os AINEs mais dispensados no estabelecimento	Estudo transversal descritivo e qualitativo	dispensação de AINEs sem orientação em uma farmácia na Bahia foi alta, com medicamentos como dipirona e nimesulida frequentemente usados.
Pereira et al ¹⁴	Self-medication among pregnant women: prevalence and associated factors	Avaliar as práticas de automedicação entre gestantes, os medicamentos mais utilizados, os sintomas relatados e os fatores associados a essa prática.	Estudo transversal	Em gestantes, o paracetamol foi amplamente utilizado, especialmente por aquelas com maior escolaridade.
Pitta et al ¹⁵	Análise do perfil de automedicação em tempos de COVID-19 no Brasil	Identificação do perfil brasileiro de automedicação na pandemia de COVID-19 e a reunião de informações sociodemográficas relacionadas ao uso da automedicação	Estudo descritivo	Durante a pandemia de COVID-19, a automedicação aumentou devido ao medo e desinformação, com uso de vitaminas e Ivermectina.
Lima et al ¹⁶	Self-medication among undergraduate students from the countryside of Amazonas	Estimar a prevalência e fatores associados à automedicação entre estudantes de cursos de graduação do interior do Amazonas.	Estudo transversal	Em estudantes universitários, a automedicação atingiu 80,1%, com analgésicos sendo os mais utilizados.
Ponset al ¹⁷	Self-medication in children aged 0–12 years in Brazil: a population-based study.	Estimar e caracterizar a prevalência de uso de medicamentos por automedicação na população brasileira de crianças de zero a 12 anos de idade.	Estudo transversal de base populacional	A automedicação em crianças foi mais prevalente entre famílias com menos recursos e sem acesso a planos de saúde.
Cavalcante ; Silva; Quintilio ¹⁸ .	Automedicação entre os profissionais de saúde e o papel do farmacêutico	Avaliar a prevalência da automedicação e os fatores associados em profissionais de saúde de um hospital público e a atuação do farmacêutico no controle e prevenção desta prática	Estudo observacional transversal	Profissionais de saúde apresentaram uma prevalência de 60% de automedicação, indicando que a confiança em seu conhecimento técnico pode levar a comportamentos de risco.
Rodrigues ¹⁹	A prevalência da automedicação em atletas de flagfootball no Brasil.	Observar o perfil dos atletas que praticam a automedicação, quais classes de fármacos são mais utilizadas, o uso de suplementos e se procuram orientações sobre os medicamentos que utilizam com profissionais de saúde,	Estudo descritivo, qualitativo e transversal	O estudo focou em atletas de flagfootball, onde 60% relataram automedicação, com uso de relaxantes musculares e AINEs.

		como por exemplo, os farmacêuticos.		
Pedrolong oet al ²⁰	Study on the Consumption of Non-Steroidal Anti-Inflammatory Drugs by the Brazilian Adult Population: A Cohort Study	Elucidar os padrões de consumo de AINEs entre a população adulta do Brasil.	Estudo transversal	A automedicação com AINEs (89,5%) entre adultos brasileiros gerou preocupações sobre complicações gastrointestinais.

Fonte: Autores, 2024

A prática da automedicação, amplamente disseminada em diferentes contextos sociais e culturais, apresenta um padrão preocupante em diversas populações, especialmente entre estudantes de áreas de saúde. O estudo de Tognoliet al⁶ que investigou a automedicação entre 320 acadêmicos do curso de Medicina de uma instituição privada em Fernandópolis, São Paulo, revelou uma alta taxa de automedicação (96,56%), o que indica uma falta de conscientização sobre os riscos associados ao uso inadequado de medicamentos. A cefaleia e mialgia foram os quadros clínicos mais frequentemente associados à automedicação, com a preferência por analgésicos e anti-inflamatórios. Essa elevada prevalência pode estar particularmente associada ao maior conhecimento técnico dos estudantes, que, paradoxalmente, parece incentivar a automedicação, visto que os alunos, conscientes dos riscos, ainda assim optam por se automedicar. Os autores enfatizam a necessidade de uma abordagem pedagógica que integre discussões sobre automedicação no currículo dos cursos de Medicina, visando educar os futuros profissionais sobre os potenciais riscos à saúde relacionados a essa prática.

A pesquisa de Lima et al¹⁶ complementa essa discussão, revelando uma alarmante prevalência de 80,1% de automedicação, com analgésicos sendo os medicamentos mais comumente utilizados, entre 694 estudantes de uma universidade publicado interior do Amazonas. Esses resultados são particularmente preocupantes, uma vez que indicam uma normalização da automedicação em um grupo que, pela sua escolaridade, poderia ser esperado ter um entendimento mais crítico sobre os riscos associados a essa prática. O papel do farmacêutico, neste cenário, é fundamental, como educador que pode influenciar comportamentos adequados e seguros no uso de medicamentos.

Essa necessidade de educação e regulação sobre o uso de medicamentos é reiterada no estudo de Moreira et al⁸, que investigou o padrão de uso de analgésicos entre portadores de dor crônica e sua possível associação com a automedicação. O estudo, de caráter observacional transversal, incluiu 416 indivíduos de uma população urbana, dos quais 45,7% apresentavam dor crônica, definida como dor persistente por mais de 90 dias. Entre esses, 78,4% praticavam automedicação, sendo os medicamentos mais utilizados os anti-inflamatórios não esteroides (AINEs), dipirona e paracetamol. O uso de opioides fracos foi raro (apenas 2,6%) e nenhum paciente fazia uso de opioides potentes. Os resultados mostram que a automedicação é prevalente entre pessoas com dor crônica, o que pode ser explicado pela subprescrição de analgésicos mais potentes. Ao comparar com o estudo de Tognoliet al⁶, que examinou estudantes de medicina, percebe-se que, embora ambos os grupos tenham um conhecimento teórico significativo sobre medicamentos, a automedicação é comum em ambos os contextos. No entanto, enquanto os estudantes de medicina se automedicam por um excesso de confiança no próprio conhecimento, os portadores de dor crônica podem recorrer à automedicação devido à falta de opções adequadas de tratamento prescritas.

Príncipe et al¹⁰, ao focar em estudantes do ensino superior da saúde de duas instituições da região centro e norte de Portugal, também observaram uma elevada taxa de automedicação com analgésicos (93,4%). Tal como no estudo de Tognoliet al⁶, os participantes justificaram seu comportamento pela percepção de possuir conhecimento suficiente sobre o uso desses medicamentos. Essa confiança, somada à busca por economia de tempo e dinheiro, leva a comportamentos arriscados, como a interrupção prematura do tratamento e a troca de medicamentos sem orientação adequada. Esses dados corroboram a necessidade urgente de intervenções educativas para estudantes de saúde, com o objetivo de promover um uso responsável de analgésicos. Nesse sentido, é importante que os farmacêuticos atuem não apenas como educadores, mas também como vigilantes, assegurando que as regulamentações sobre a venda e dispensação de medicamentos sejam respeitadas para reduzir os riscos associados a essa prática.

A automedicação nas comunidades ribeirinhas do Amazonas, conforme descrito por Gama e Secoli⁷ também destaca a complexidade das razões que levam as pessoas a recorrerem a essa prática. A pesquisa, de

caráter transversal e populacional, foi realizada entre abril e julho de 2015, por meio de entrevistas domiciliares. A automedicação foi relatada por 76,3% dos participantes e as classes terapêuticas mais utilizadas foram analgésicos. Segundo os autores, ao contrário dos estudantes de saúde, que muitas vezes se automedicam por excesso de confiança em seu conhecimento técnico, a população ribeirinha enfrenta dificuldades práticas para acessar serviços médicos regulares, o que leva a uma solução aparentemente racional de autocuidado. A barreira geográfica é um fator crítico com a distância dos centros urbanos e a falta de transporte adequado criando um ambiente propício para o uso de medicamentos sem prescrição. Embora isso possa parecer uma forma de autonomia no cuidado à saúde, o uso indiscriminado de analgésicos coloca em risco a saúde dessas comunidades.

A situação ribeirinha não é um caso isolado de automedicação motivada por barreiras ao acesso à saúde, mas reflete um padrão mais amplo, conforme observado no estudo de Ukwishakaet al¹² sobre automedicação pediátrica em Ruanda. Com uma amostra de 154 pais e cuidadores, a pesquisa, de natureza quantitativa e realizada em múltiplos centros de saúde utilizou questionários para coletar os dados. Os resultados revelaram uma alta prevalência de automedicação, com 77,9% dos participantes relatando o uso dessa prática. Dentre os medicamentos mais utilizados, o paracetamol foi o mais frequente na automedicação moderna, enquanto ervas locais foram comuns na automedicação tradicional. O estudo revelou que assim como nas comunidades do Amazonas, os pais em Ruanda frequentemente recorrem à automedicação de seus filhos devido à limitação de acesso a cuidados médicos. A ausência de orientação médica e farmacêutica cria um ciclo de dependência em medicamentos de venda livre, frequentemente sem o conhecimento necessário sobre doses corretas, interações medicamentosas ou efeitos colaterais. Portanto, a ampliação da atuação dos farmacêuticos nessas áreas, por meio de parcerias com programas de saúde pública e o desenvolvimento de políticas que facilitem o acesso a serviços de saúde, é uma estratégia essencial para combater os efeitos negativos da automedicação.

No contexto da atenção primária à saúde, especialmente dentro do Sistema Único de Saúde (SUS), a automedicação envolve múltiplos desafios e oportunidades. O estudo de Moreira et al⁹ de caráter transversal, contou com a participação de 1.159 usuários de 104 municípios e 253 serviços de saúde, abrangendo dados sociodemográficos, condições de saúde e práticas de uso de medicamentos. Os resultados indicaram que a prevalência do uso de medicamentos foi de 81,8%, com uma média de 2,67 medicamentos por usuário, aumentando com a idade. Os fármacos mais utilizados foram a losartana, hidroclorotiazida e sinvastatina e a automedicação foi significativa entre adultos jovens e idosos. Segundo os autores, o SUS oferece medicamentos gratuitos e de baixo custo à população por meio de programas como a "Farmácia Popular", mas a disponibilidade desses medicamentos não elimina os riscos de seu uso inadequado. Muitos pacientes, especialmente idosos com doenças crônicas, fazem uso de vários medicamentos simultaneamente (polifarmácia), aumentando o risco de interações medicamentosas adversas. Portanto, o farmacêutico, inserido na equipe multidisciplinar da atenção primária, tem um papel essencial na revisão das prescrições e no monitoramento dos medicamentos utilizados. Ao oferecer aconselhamento contínuo, esse profissional pode ajudar a minimizar os riscos de complicações decorrentes do uso inadequado de medicamentos, garantindo que o tratamento seja eficaz e seguro.

O estudo de Queiroz et al. investigou a prevalência da automedicação com anti-inflamatórios e o acesso a esses medicamentos entre adultos do município de Navegantes, Santa Catarina. Dos 1.120 entrevistados, 14,8% praticavam automedicação com anti-inflamatórios dos quais os mais consumidos foram a combinação de paracetamol, carisoprodol, diclofenaco de sódio e cafeína (39,7%), seguidos pela nimesulida (16,2%) e diclofenaco de sódio (15,6%). A maioria dos participantes relatou que utilizava os medicamentos sob influência de terceiros (80,1%), fazia reutilização de remédios (85,5%), alcançava os resultados esperados (80,1%), não apresentava efeitos colaterais (80,1%) e recomendava os medicamentos para outras pessoas (67,4%). Apesar dos conhecidos efeitos colaterais dos anti-inflamatórios, o estudo evidenciou o uso indiscriminado desses medicamentos sem prescrição médica ou odontológica, indicando a necessidade de maior controle e conscientização sobre os riscos dessa prática. Ambos os estudos (Moreira et al⁹; Queiroz et al¹¹) enfatizam que a atuação dos farmacêuticos deve ser intensificada, especialmente em regiões onde o acesso à informação de qualidade é mais escasso. Em um sistema de saúde como o SUS, que preza pela universalidade e integralidade do cuidado, o farmacêutico deve ser um pilar na promoção da saúde, trabalhando em conjunto com médicos, enfermeiros e outros profissionais para garantir um cuidado de qualidade a todos os cidadãos.

Entre os diferentes grupos populacionais que praticam a automedicação, o estudo de Rodrigues¹⁹ investigou 309 atletas de flagfootball provenientes de diversas regiões do país, revelando que 60% desses indivíduos relataram o uso de relaxantes musculares e AINE's sem orientação médica. Esse comportamento, embora movido pela confiança em seus conhecimentos sobre o próprio corpo, reflete a ausência de uma formação técnica adequada, como a que profissionais de saúde possuem. Comparando com os estudos de Tognoliet al⁶ e Príncipe et al¹⁰ sobre estudantes de saúde observa-se que, em ambos os casos, o excesso de confiança leva ao uso inadequado de medicamentos, mas os atletas correm riscos adicionais, como o comprometimento do desempenho físico e da recuperação a longo prazo.

No caso de gestantes, o estudo de Pereira et al¹⁴ realizada em um hospital terciário de referência em saúde da mulher envolvendo 297 gestantes com consulta pré-natal evidenciou uma alta prevalência de automedicação com paracetamol, frequentemente utilizado para aliviar dores de cabeça. Curiosamente, a pesquisa revelou que a automedicação foi mais comum entre gestantes com maior nível educacional, no primeiro trimestre de gestação e com histórico de múltiplas gestações. Isso pode estar relacionado à percepção errônea de que alguns medicamentos, como o paracetamol, são completamente seguros durante a gestação. O papel do farmacêutico, neste cenário, é especialmente importante no acompanhamento pré-natal, quando é possível intervir acerca do uso de MIP's. Além disso, é necessário desmistificar a segurança absoluta de certos fármacos, promovendo um diálogo mais próximo com as gestantes para que elas sintam segurança em buscar orientação profissional antes de recorrerem à automedicação.

A situação é ainda mais crítica quando se trata de crianças. O estudo de Ponset al¹⁷ que analisou informações de 7.528 crianças, cuja coleta foi realizada em 245 municípios brasileiros apontou que pais e cuidadores frequentemente recorrem a medicamentos como analgésicos e antipiréticos sem orientação profissional. Os resultados indicaram uma prevalência de automedicação de 22,2%, com maior frequência entre crianças mais velhas e oriundas de famílias com menos recursos e sem acesso a planos de saúde. As condições mais comuns que levaram à automedicação incluíram dor, febre, resfriado e rinite alérgica. Segundo os autores, a desinformação dos pais, associada à falta de acesso a serviços de saúde, coloca as crianças em risco de efeitos adversos e uso inadequado de medicamentos. Observa-se com Pereira et al¹⁴, Pons et al¹⁷, Moreira et al⁹, Gama; Secoli⁷; Rodrigues¹⁹ que a desinformação e a falta de orientação adequada tem um papel central na perpetuação da automedicação. Atletas, gestantes e pais compartilham comportamentos semelhantes com relação à automedicação, muitas vezes motivados por excesso de confiança, desconhecimento dos riscos ou falta de acesso a cuidados de saúde. Entretanto, a origem desses comportamentos é distinta e em todos esses contextos, o papel do farmacêutico é essencial para mediar essas práticas e promover o uso seguro de medicamentos.

A automedicação entre profissionais de saúde, conforme evidenciado por Cavalcante e col.¹⁸, levanta questões preocupantes. O estudo analisou profissionais de saúde de um hospital público e investigou o papel do farmacêutico na prevenção e controle dessa prática. A amostra incluiu 30 profissionais, majoritariamente mulheres (73%), com a maioria abaixo de 50 anos de idade. Entre os principais resultados, destacou-se que 60% dos participantes relataram praticar a automedicação, com a maioria optando por analgésicos, anti-inflamatórios e antigripais, medicamentos de fácil acesso e amplamente utilizados. Essa situação é ainda mais crítica quando se considera que esses profissionais, ao se automedicarem, podem não apenas comprometer sua própria saúde, mas também influenciar negativamente os hábitos de automedicação de seus pacientes. O exemplo de comportamentos inadequados pode se disseminar no ambiente de trabalho, resultando em um ciclo de automedicação entre os profissionais que, em teoria, deveriam ser agentes de mudança e orientação.

Além do contexto hospitalar, o cenário de automedicação se estende também às farmácias e drogarias, onde a falta de orientação adequada é um problema comum. O estudo de Bitencourt e Alves¹³ de caráter transversal, descritivo e com abordagem quali-quantitativa realizado em uma farmácia localizada no interior da Bahia, abrangeu o período de março a junho de 2021, totalizando a dispensação de 6.166 AINE's. Os autores identificaram que em termos de formulações, 49,22% continham apenas um princípio ativo, com a dipirona sendo a mais dispensada (29,52%), seguida pela nimesulida (20,92%) e o AAS (16,84%). Entre as formulações associadas, cafeína + carisoprodol + diclofenaco + paracetamol foi a mais frequente (33,73%). Destaca a facilidade com que medicamentos como dipirona, nimesulida e ácido acetilsalicílico (AAS) são adquiridos, muitas vezes sem acompanhamento profissional. Segundo os autores, a facilidade de acesso a AINE's, tanto em formulações simples quanto combinadas, eleva o risco de automedicação irracional, o que pode resultar em efeitos adversos, como toxicidade renal e gastrointestinal, o que aumenta a pressão sobre o sistema de

saúde. Nesse contexto, o farmacêutico surge como um profissional essencial, podendo implementar programas de educação em saúde nas farmácias e drogarias para a melhoria da saúde da população em geral.

O estudo de Pedrolongo et al²⁰ complementa essa discussão ao investigar os padrões de consumo de medicamentos AINE's pela população adulta brasileira. A pesquisa foi conduzida por meio de um questionário respondido por 400 indivíduos residentes no Brasil, coletando dados sobre o uso desses medicamentos em 2023. Os resultados mostraram que aproximadamente 89,5% dos participantes relataram o uso de AINE's, independentemente de serem prescritos por médicos ou dentistas. Os efeitos adversos mais frequentemente relatados estavam relacionados a complicações gastrointestinais.

A situação se agravou ainda mais durante a pandemia de COVID-19, quando a automedicação alcançou níveis alarmantes tornando-se uma prática amplamente observada, impulsionada por uma combinação de medo, desinformação e a busca desesperada por alívio em meio a incertezas. O estudo de Pitta et al¹⁵ analisou o perfil de automedicação no Brasil durante a pandemia, além de coletar informações sociodemográficas relacionadas a essa prática. A amostra consistiu em 1000 participantes com idade mínima de 18 anos, todos residentes no Brasil, e os dados foram coletados por meio de um questionário online entre agosto e setembro de 2020. Devido ao *lockdown* imposto pela pandemia, o método de coleta remota foi essencial para garantir a segurança dos entrevistados. Os autores investigaram o conceito de automedicação segundo os participantes, o tipo de medicamento utilizado, bem como os efeitos colaterais decorrentes dessa prática. Os principais achados revelaram que as vitaminas foram os medicamentos mais consumidos, seguidas pela Ivermectina, sendo a indicação de familiares uma das principais fontes de influência para a automedicação. Além disso, os efeitos colaterais mais frequentes relatados incluíram cólicas intestinais e mal-estar. Essa tendência é uma resposta emocional à crise, onde a necessidade de controle e proteção diante de uma ameaça invisível levou muitos a recorrer a soluções rápidas e, frequentemente, inadequadas. Vale salientar que a automedicação com anti-inflamatórios durante a pandemia destacou os riscos à saúde pública e nesse contexto o papel do farmacêutico é vital para promover o uso responsável de medicamentos, principalmente em tempos de crise, quando a desinformação se espalha com facilidade. Esses profissionais têm o conhecimento necessário para orientar os pacientes sobre o uso seguro de medicamentos e podem atuar como fontes confiáveis de informação. A presença de farmacêuticos nos diversos espaços de saúde como farmácias, drogarias ou hospitais, oferecendo educação e apoio, ajuda a diminuir os riscos dessa prática e reforça a importância de seguir tratamentos prescritos.

4. Conclusão

A automedicação é uma atividade extremamente comum, e muito perigosa. Ela traz malefícios graves para a saúde da população, diante disso, é fundamental que ações mais efetivas sejam adotadas para reduzir a automedicação, objetivando a segurança e saúde das pessoas.

As informações sobre as reações adversas, contra-indicações e interações medicamentosas devem ser fornecidas de forma correta, a fim de evitar a automedicação inadequada fundamentada em informações incompletas ou equivocadas. A importância do farmacêutico na assistência farmacêutica entende-se, pela necessidade e conscientização na informação que o paciente precisa, na efetiva contribuição de prevenção da automedicação.

Uma das medidas necessárias para conter esta prática é estabelecer regulamentações mais eficazes para a venda de medicamentos sem prescrição médica. É de uso obrigatório que a compra de determinados tipos de medicamentos seja restrita a prescrição médica, a fim de evitar que a falta de informação por parte das pessoas se auto-diagnostiquem e utilizem medicamentos inadequados para seus problemas de saúde.

Além disso, é necessário que sejam estabelecidas normas mais rigorosas para a dispensação de medicamentos de venda livre, possibilitando a proteção dos usuários. Diante disso, o farmacêutico se destaca como um profissional de suma importância na promoção da educação em saúde e esclarecimentos sobre os riscos do tratamento irresponsável. O farmacêutico possui um amplo conhecimento aprofundado sobre os medicamentos, suas indicações, efeitos colaterais e interações, sendo capaz de fornecer informações seguras e embasadas cientificamente aos pacientes.

O profissional farmacêutico é uma autoridade em saúde mais acessível para a população, estando presente nas farmácias e drogarias, dispostos a esclarecer dúvidas e orientar a população sobre o uso adequado de medicamentos.

Enfim, conclui-se que o farmacêutico deve estar sempre preparado em orientar a população em relação ao uso de medicamentos, devendo exercer o seu papel como promotor da saúde, sempre buscando aperfeiçoar o exercício da profissão.

5. Referências

1. Soterio KA, Santos MA. A automedicação no Brasil e a importância do farmacêutico na orientação do uso racional de medicamentos de venda livre: uma revisão. *Revista da Graduação*, 2016;9(2).
2. Santos STS, Albuquerque NL, Guedes JPM. The risks of self-medication with exempted prescription drugs (MIPs) in Brazil. *Res. Soc. Dev.*, 2022;(11):1-7.
3. Musial DC, Dutra JS, Becker TCA. A automedicação entre os brasileiros. *SaBios-Revista de Saúde e Biologia*, 2007;2(2).
4. Fernandes WS, Cembranelli JC. Automedicação e o uso irracional de medicamentos: o papel do profissional farmacêutico no combate a essas práticas. *Revista Univap*, 2015;21(37):5-12.
5. Ferreira IS, Carvalho CJS. A influência da propaganda de medicamentos na prática da automedicação: um problema de saúde pública. *Brazilian Journal of Development*, 2021;7(5):47642-47652.
6. Tognoli T, Tavares V, Ramos APD, Batigália F, Godoy JMP, Ramos RR. Automedicação entre acadêmicos de medicina de Fernandópolis–São Paulo. *Journal of Health & Biological Sciences*, 2019;7(4 (Out-Dez)):382-386.
7. Gama ASM, Secoli SR. Práticas de automedicação em comunidades ribeirinhas na Amazônia brasileira. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 2020;(73):e20190432.
8. Moreira GABD, Calonego MAM, Mendes RF, Castro RA, Faria JF, Trivellato SA, Dias A. Uso de analgésicos e o risco da automedicação em amostra de população urbana: estudo transversal. *Revista Brasileira de Anestesiologia*, 2020;(69):529-536..
9. Moreira TDA, Alvares-Teodoro J, Barbosa MM, Guerra Júnior AA, Acurcio FDA. Use of medicines by adults in primary care: Survey on health services in Minas Gerais, Brazil. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 2020;(23):e200025.
10. Príncipe F, Oliveira A, Silva C, Silva D, Silva T. Automedicação nos estudantes do ensino superior da saúde. *Revista de Investigação & Inovação em Saúde*, 2020;3(2):21-28.
11. Queiroz TF, Grillo LP, Lacerda LLV, Mezadri T. Prevalência de automedicação e características de acesso a anti-inflamatórios em adultos no município de Navegantes, Santa Catarina. *HSJ*, 2020;10(2):20-27.
12. Ukwishaka J, Umuhoza C, Cartledge P, McCall N. Pediatric self-medication use in Rwanda—a cross-sectional study. *African Health Sciences*, 2020;20(4):2032-43.
13. Bitencourt LS, Alves LA. Perfil de dispensação de anti-inflamatórios não esteroidais em uma farmácia no interior da Bahia. *Research, Society and Development*, 2021;10(16):e502101624119-e502101624119.
14. Pereira G, Surita FG, Ferracini AC, Madeira CDS, Oliveira LS, Mazzola PG. Self-medication among pregnant women: prevalence and associated factors. *Frontiers in pharmacology*, 2021;(12):659503.

15. Pitta MG, Lima LP, Carvalho JS, Teixeira DRC, Nunes TR, Moura JA, Pitta I. Análise do perfil de automedicação em tempos de COVID-19 no Brasil. *Research, Society and Development*, 2021;10(11):e28101119296-e28101119296.
16. Lima PAV, Costa RD, Silva MPD, Souza Filho ZAD, Souza LPS, Fernandes TG, Gama ASM. Self-medication among undergraduate students from the countryside of Amazonas. *Acta Paulista de Enfermagem*, 2022;(35):eAPE039000134.
17. Pons EDS, Pizzol TDSD, Knauth DR, Mengue SS. Self-medication in children aged 0–12 years in Brazil: a population-based study. *Revista Paulista de Pediatria*, 2023;(42):e2022137.
18. Cavalcante AAOG, Silva TM, Quintilio MSV. Automedicação entre os profissionais de saúde e o papel do farmacêutico. *Revista JRG de Estudos Acadêmicos*, 2023;6(13):255-273.
19. Rodrigues SCA. A prevalência da automedicação em atletas de flagfootball no Brasil. *Revista Científica Intellecto*, 2023;(8).
20. Pedrolongo DA, Sagioneti FT, Weckwerth GM, Oliveira GM, Santos CF, Calvo AM. Study on the Consumption of Non-Steroidal Anti-Inflammatory Drugs and Antibiotics by the Brazilian Adult Population: A Cohort Study. *Pharmacy*, 2024;12(5):150.